Roteiro Cultural EMERJ

EMERJ

Rio de Janeiro - ano 5 - nº 37

Inspirada nas *escrevivências* — conceito criado por Conceição Evaristo, que aglutina escrever com vivência e define uma escrita que nasce do cotidiano, das memórias e das experiências de vida da própria autora e de seu povo — a autora Flávia Martins de Carvalho, juíza de direito no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, doutora em Direito pela Universidade de São Paulo, professora e escritora, desenvolveu o conceito de *jurisvivência* para valorizar as experiências de mulheres negras no campo jurídico e propor um Direito mais sensível à justiça social, racial e de gênero. Juntamente com Micaela Prado, que passou maior parte da sua vida acolhida em um abrigo para crianças e adolescentes, onde aprendeu importantes lições — que vão desde comer de garfo e faca até o sentido da palavra pertencimento — , Flávia Martins de Carvalho lança o livro ***A Menina e a Toga.*** Nessa autoficção, estreia de Micaela Prado como escritora, as trajetórias de Flávia, juíza, e Micaela Prado, uma jovem marcada por situações de vulnerabilidade, entrelaçam-se em uma narrativa profundamente humana sobre encontros capazes de transformar vidas. Entre o relato e o testemunho, a obra provoca uma reflexão urgente sobre desigualdades sociais, raciais e de gênero, bem como sobre os desafios enfrentados por crianças e adolescentes que transitam pelas instituições de acolhimento. Mais do que narrar um encontro, a obra evidencia como as experiências de mulheres negras moldam seus modos de compreender, interpretar e praticar o Direito.



Segue até 21 de novembro de 2026, na galeria Pinakotheke Carioca — galeria de arte especializada em arte brasileira —, a mostra *Revolta em Preto e Branco*. Com curadoria de Shannon Botelho, a exposição revisita, 72 anos depois, o histórico Salão Preto e Branco, realizado em 1954 e conhecido como o "Salão do Protesto". O evento reúne 61 obras de 50 artistas, entre trabalhos de participantes do salão original e produções que ampliam a reflexão sobre as relações entre arte, política e meios de produção. Documentos, fotografias e reproduções de artigos de jornais de 1954 também integram a exposição.

Pinakotheke Cultural.
Rua São Clemente, 300, Botafogo.
*De **Seg** a **Sex** - 10h/19h e **Sáb** -10h/16h.*
Até 21 de novembro. <-



Traços finos e marcantes: Carybé apresenta o cotidiano das feiras populares de Salvador no nanquim Figuras no Mercado da Bahia, de 1956. <-

Inspirado em uma importante passagem da vida de Thomas Mann, vencedor do Nobel de literatura em 1929 e autor do romance ***A Montanha Mágica,*** um dos romances mais influentes da literatura mundial do século XX***,*** estreou nos cinemas do Brasil o filme ***A Terra do Meu Pai,*** longa-metragem biográfico dirigido pelo cineasta Paweł Pawlikowski e coescrito com Hendrik Handloegten. Estrelado por Sandra Hüller e Hanns Zischler, como Erika e Thomas Mann, respectivamente, acompanha a complexa relação entre o escritor e sua filha Erika, uma multifacetada atriz, escritora e pilota de rali. No verão de 1949, durante o ápice da Guerra Fria, pai e filha embarcam em uma densa e emocionante *road trip* a bordo de um Buick preto pelas ruínas da Alemanha, partindo de Frankfurt, sob domínio estadunidense, até Weimar, sob controle soviético. De volta ao lar após 16 anos de exílio nos EUA, o icônico autor é forçado a confrontar não apenas os destroços de uma nação dividida, mas também as feridas irremediáveis de sua própria família. O filme foi selecionado como representante da Polônia na categoria de melhor filme internacional na 99ª edição do Oscar, que será realizada em 14 de março de 2027.



Você Sabia?

Você sabia que o jongo é um dos principais ritmos que deram origem ao samba? O jongo, registrado como patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN, é um ritmo trazido pelos escravizados africanos de origem bantu (Congo e Angola) para as fazendas de café do Vale do Paraíba e influenciou diretamente a formação rítmica e cultural do samba. Também conhecido como caxambu, desenvolveu-se nas senzalas e nas lavouras de café e de cana-de-açúcar do Vale do Paraíba (abrangendo os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo). Servia como espaço de resistência, lazer e comunicação cifrada. Por meio dos cantos, chamados de pontos, os escravizados trocavam informações, planejavam fugas, cultuavam seus ancestrais e satirizavam os senhores sem que os capatazes entendessem o sentido real. A música é conduzida por tambores de diferentes tamanhos e funções — como o tambu/caxambu (grave) e o candongueiro (menor, de marcação) — além de palmas e chocalhos. Os participantes dançam em roda ao redor dos tambores. Um solista puxa os versos — pontos — e o coro responde; a dança envolve um rodopio característico (a umbigada ou o passo solto). No início do século 20, o jongo era o ritmo mais tocado no alto das primeiras favelas pelos fundadores das escolas de samba. Os antigos sambistas da velha guarda das escolas de samba realizavam rodas de jongo em suas casas. Os versos do partido-alto e do samba de terreiro são inventados na hora pelo improvisador. Esse canto de improviso nasceu das rodas de jongo. A umbigada, que na língua quimbundo se chama *semba,* originou o termo samba. A *mpwita*, instrumento congo-angolano presente no jongo, é a avó africana das cuícas, das baterias e das escolas de samba.

Roda de Jongo. <-

